



XV Fórum Municipal de Educação: interlocuções da pesquisa na Educação Básica
Secretaria de Educação de Novo Hamburgo – 24 de outubro de 2017

OS BEBÊS E O CESTO DOS TESOUROS

Darciana da Silva Meirelles¹

Morgana Rodrigues de Almeida²

RESUMO

O presente artigo discorre sobre a abordagem de brincadeira livre denominada Cesto dos Tesouros, desenvolvida por Elionor Goldschmied ao observar o interesse das crianças bem pequenas em mexer e bisbilhotar os utensílios que fazem parte do espaço doméstico no cotidiano familiar. A autora sensível e atenta organizou abordagens que contemplam a brincadeira livre e autônoma com objetos não estruturados de diferentes procedências e materialidades, denominadas de brincar heurístico. Este tipo de brincadeira se divide em três modalidades: O cesto dos tesouros, o jogo heurístico e as bandejas de experimentação, a fim de proporcionar aos pequenos momentos intensos de pesquisa e descoberta das propriedades físicas destes materiais potencializadores. Aqui o foco será o cesto dos tesouros que foi desenvolvido com a faixa etária zero, bebês com idades entre cinco meses a um ano de idade. O objetivo desta pesquisa é analisar as múltiplas ações das crianças ao explorar o Cesto dos Tesouros. A pesquisa foi realizada em uma Escola de Educação Infantil (EMEI), localizada na zona urbana da rede municipal de Novo Hamburgo, mais especificamente no bairro Boa Saúde. O período realizado foi o primeiro semestre de 2017. Os autores utilizados de referencial teórico foram: Emmi Pikler, Eva Kálló e Gyorgyi Balog entre outros. A metodologia para análise dos dados observados foi a observação participante, onde nós como professoras regentes observamos os pequenos nas suas explorações e interações diante do cesto dos tesouros e registramos através de fotos e fichas de observação. Os dados gerados possibilitaram concluir que a abordagem desenvolvida é extremamente potente, contemplando as especificidades e interesses desta faixa etária. Para que a brincadeira livre seja de qualidade o professor deve se disponibilizar a organizar espaços, tempos e materiais que contemplem os interesses e peculiaridades dos pequenos, proporcionando momentos de prazer, aprendizagem e desenvolvimento cognitivo e social de forma livre e autônoma.

Palavras chave: bebês; brincadeira livre; cesto dos tesouros; educação infantil.

¹ Licenciada em Pedagogia pela ULBRA e Pós graduada em Docência na Educação Infantil pela UFRGS, professora da Rede Municipal de Ensino, EMEI Floresta Encantada.

² Graduanda em Pedagogia pela UNINTER, professora da Rede Municipal de Ensino, EMEI Floresta Encantada.



INTRODUÇÃO

O tema abordado neste trabalho é o Cesto dos Tesouros, uma potente abordagem que pode ser desenvolvida com os bebês.

Nossa aproximação com o tema começou no início do ano letivo quando iniciamos a organizar o nosso planejamento. Tínhamos a ideia de adotar como fio condutor experiências educativas significativas. No decorrer de nossas reflexões e estudos percebemos que esta abordagem vinha de encontro com o que queríamos: proporcionar aos pequenos o contato com diferentes materialidades para aguçar os sentidos, meio pelo qual os pequenos aprendem.

Era o nosso primeiro ano trabalhando com crianças tão pequenas, muitos medos, vontade de fazer o melhor, então depois que passou o período de adaptação, com os bebês tranquilos e ambientados começamos a desenvolver as sessões duas vezes por semana, seguindo as orientações bibliográficas e também considerando a realidade da nossa turma. A seguir contaremos um pouco de como tudo ocorreu, primeiramente mostrando a importância da brincadeira livre e em seguida entrando no desenvolvimento, metodologia e considerações finais deste trabalho que foi desempenhado com muito amor.

O objetivo está em observar as ações potencializadas no decorrer das explorações e como elas contribuem para o desenvolvimento cognitivo e social das crianças pequenininhas.

OS BEBÊS E A BRINCADERA LIVRE

Os estudos mais recentes evidenciam a potência dos bebês. Desde que nascem mostram sua capacidade de autonomia, as pessoas próximas a eles que por vezes não estão preparadas para perceber o quanto as crianças bem pequenas podem fazer sem a mediação constante de um adulto.

Através do olhar sensível de quem cuida da criança é possível perceber suas possibilidades “ativa por si própria e competente desde o nascimento, rica de



iniciativas e de interesses espontâneos pelo que rodeia” (FALK,2011, p.41), contribui para que esta faça descobertas por si própria, do mundo que a rodeia, através do seu interesse realiza experimentações que com o tempo promovem o desenvolvimento saudável e a construção de conhecimento.

A escola de Educação Infantil como espaço de convivência coletiva é um terreno fértil para observar os pequenos em suas investidas em busca de descobertas. Neste lugar eles se deparam com a possibilidade de ampliar o seu repertório, desde que este entenda a criança como um ser singular com amplas potencialidades. Um ambiente acolhedor, com práticas pedagógicas que atendam as especificidades da educação infantil como consta nas Diretrizes Curriculares Nacionais Para a Educação infantil (DCNEI) que garantam experiências múltiplas que “promovam o conhecimento de si e do mundo por meio da ampliação de experiências sensoriais, expressivas, corporais que possibilitem movimentação ampla, expressão da individualidade e respeito pelos ritmos e desejos da criança” (BRASIL, 2010, p.25). O professor atento busca propostas que visam contemplar estas peculiaridades proporcionando aos pequenos espaços atrativos, tempo suficiente para possíveis descobertas e materiais diversificados para manuseio.

Sabemos que na instituição de Educação Infantil os momentos de brincar muitas vezes são interrompidos pela rotina (higiene e alimentação) ou porque os pequenos estão entediados, sendo assim, muitos professores organizam brincadeiras direcionadas com o intuito de que as crianças se envolvam de alguma forma. Conforme KÁLLÓ & BALOG “a incapacidade de brincar de maneira independente reforça inevitavelmente o sentido de dependência da criança com relação ao adulto”. (p.6), o pequeno não expande sua capacidade criativa se nas situações de brincadeira o professor não respeita sua forma e interesse de brincar sua, liberdade fica tolhida. Conseqüentemente suas descobertas ficam restritas e não encontra possibilidade de descobrir as propriedades físicas dos objetos, de criar com os mesmos e se apropriar de forma a compreender o mundo e o significado do seu entorno.

Segundo os mesmos (as) autores (as):



XV Fórum Municipal de Educação: interlocuções da pesquisa na Educação Básica
Secretaria de Educação de Novo Hamburgo – 24 de outubro de 2017

Em todos os níveis, do seu desenvolvimento sua própria ação lhe ajuda a aprender a fazer as coisas que lhe dão, de alguma maneira, um sentido de êxito. Isto lhe abre virtualmente possibilidades ilimitadas de experimentar, através da atividade, algo parecido com a competência. (KÁLLO & BALOG, p.7)

Para que a criança vivencie diversificadas situações que contribuam para sua constituição como ser humano físico e social, os momentos de brincadeira livre precisam ser pensados e proporcionados cotidianamente para que sejam prazerosos e significativos.

No caso específico deste artigo vamos evidenciar os bebês com o intuito de compreender quais os brinquedos adequados e formas de oferecer os mesmos garantindo momentos de brincadeiras de qualidade para esta faixa etária em especial.

O primeiro brinquedo do bebê é o corpo do adulto que cuida dele (GOLDSCHMIED E JACKSON, 2006, p.13) aos poucos vai descobrindo e aprimorando seus movimentos, brincando com suas mãos e demais partes corporais. Sabendo deste fato é importante compreender que não há necessidade de ficar “forçando” os pequenos prematuramente a pegar os objetos ou ficar balançando os mesmos freneticamente em frente aos mesmos com o objetivo de distrai-los. Eles precisam de tempo e respeito ao seu ritmo próprio, podem parecer ociosos, mas estão gradativamente se desenvolvendo, precisam deste momento de descoberta de si nesta fase que se encontram para que aos poucos construam sua autonomia de brincar.

A maneira como realiza os movimentos indica um prelúdio de como fará a manipulação dos objetos futuramente, então é importante que o bebê vivencie intensamente esta fase. Assim que percebermos a brincadeira constante com as mãos e o interesse do pequeno pelas coisas que a rodeiam é possível disponibilizar objetos para manuseio próximo ao bebê, para que aos poucos ele os perceba realizando movimentos livres para ter acesso aos mesmos.



O primeiro brinquedo que damos para uma criança de 3 a 6 meses e um pano de algodão de 35 x 35cm de tamanho. De uma cor viva que atraia a atenção. Ela olha longamente, toca, interage, com ele, pode tocar e sentir sem que lhe caia da mão, de modo que não precisa recolher. Desta forma se mantém ocupada com o objeto por mais tempo do que com qualquer outro. Coloca o pano em seu rosto para observa-lo. Como ele quase não pesa não lhe causará dano e, embora as vezes possa levar alguns minutos para tira-lo do rosto, facilmente o retira, (KÁLLÓ e BALOG, sem ano,p.9-10).

Aos poucos o bebê vai estabelecendo diferentes relações com o material. Outras possibilidades de brinquedos que podem ser ofertados aos pequenos nesta fase inicial de desenvolvimento são os que cabem proporcionalmente na sua mão, facilitando o manuseio.

Os brinquedos que emitem ruídos altos devem ser evitados, pois seu objetivo maior está na produção de barulho, que pelo grau de intensidade pode assustar o bebê. É importante proporcionar brinquedos com diferentes materialidades que possa aguçar os sentidos sem agredir, assustar ou prejudicar de alguma forma.

Em torno dos cinco meses a grande maioria dos pequenos conseguem pegar com maior desenvoltura os objetos que os rodeiam realizando ações diversificadas para se apropriar dos mesmos “apertando, girando e mais tarde o mantem suspenso” (KÁLLÓ, BALOG, sem ano, p.9), aliado a este modo de manusear também conseguem trocar as coisas de uma mão para outra.

Em meados do primeiro ano de vida descobre que pode produzir ruídos ao manipular os objetos, aos poucos vai construindo o entendimento de que quem produz o som enquanto tateia os brinquedos é ela mesma, noção que inicialmente não tem realizando movimentos aleatórios com o que pega.

Conforme o bebê vai se desenvolvendo seus movimentos vão ficando mais precisos, quando consegue segurar um objeto em cada mão “olha para cada um e começa a perceber as diferenças” (KÁLLÓ, BALOG, sem ano, p.10), observando este estágio de desenvolvimento é importante cada vez mais ampliar a variedade de materiais oferecidas ao bebê para que percebam diferentes sons e formas de



manuseio de acordo a variedade da materialidade, madeira, ao alumínio, metal, entre outros.

Neste estágio exploratório abordagens estruturadas com base na brincadeira livre e espontânea vêm de encontro aos interesses dos pequenos em explorar objetos variados com o objetivo de se conhecer as propriedades físicas dos objetos.

A partir do segundo semestre quando já faz escolhas dos objetos e realizando brincadeiras que se repetem como jogar os objetos para ver como eles se comportam diante desta ação demonstram amadurecimento para participar de abordagens que envolvem o brincar heurístico no caso específico dos bebês Cesto dos Tesouros.

O CESTO DOS TESOUROS³

O Cesto dos Tesouros é uma brincadeira exploratória, que pode ser desenvolvida com os “meninos e meninas de 5 a 10-12 meses” (MAJEM, 1994, p. 1-2). Nessa faixa etária, os bebês estão iniciando suas tentativas de sentar; alguns estão mais firmes, outros, em fase de amadurecimento dos esquemas motores. Nessa idade, também, ficam por mais tempo acordados entre as atividades que envolvem higiene e alimentação. Para Falk, os bebês não devem ser meros “objetos de cuidados”, mas devem, sim, ser considerados como seres com potencial, com “uma influência sobre os acontecimentos e que estabelecem relações” (FALK, 2015, p. 34).

Esta proposta exploratória aguça os sentidos dos pequenos, pois promove o contato direto com objetos de diversificadas materialidades. Esta relação assegura a riqueza de experiências do bebê em um período em que o cérebro está preparado para recebê-las, estabelecendo conexões para utilizar as informações (GOLDSCHMIED; JACKSON, 2006, p. 114)

³ Este capítulo é parte do TCC de Pós-graduação de uma das autoras, cujo o título se denomina: O Brincar Heurístico: A brincadeira livre e espontânea da criança de 0 a 3 anos de idade.



Os bebês estão prontos para ampliar seus horizontes – e os adultos que fazem parte do seu entorno devem estar atentos às suas necessidades psíquicas e fisiológicas. Devemos oportunizar as crianças, desde tenra idade, momentos de brincadeira livre e autônoma. De acordo com Falk (2011, p. 35), se os estudos referentes às capacidades dos bebês não tivessem suas descobertas conduzidas para “uma direção equivocada”, muitas práticas perigosas e inadequadas poderiam ser evitadas.

O Cesto dos Tesouros atende a essa nova concepção de bebê potente, conforme Majem:

É uma atividade de exploração. Para realiza-la, deve-se encher uma cesta com objetos de uso cotidiano, escolhidos com a finalidade de proporcionar estímulo e experiência aos cinco sentidos da criança: O descobrimento e o desenvolvimento do tato, do paladar, do olfato, da audição, da visão, e do sentido do movimento do corpo. (Majem, 2010, p,1-2).

Os objetos utilizados para compor o cesto dos tesouros não devem ser brinquedos, mas sim utensílios que denominamos de materiais não estruturados que encontramos em casa mesmo, que podemos comprar ou até mesmo confeccionar. Os utensílios que forem escolhidos para fazer parte da cesta devem obedecer a critérios variados de composição: vime, metal, palha, objetos naturais, couro, tecido, borracha, feltro, papelão e vidro. Objetos que possuem em sua composição o plástico não deve ser usado, já que, de acordo com Majem (2010, p. 2), estes somente “têm variedade de cor”. Sendo assim, estão isentos de possibilidades amplas de experiências sensoriais.

Todos os objetos selecionados de acordo com sua materialidade devem ser colocados dentro de uma cesta “firme de uns 35 centímetros de diâmetro e uns 8 centímetros de altura. É importante que a cesta seja sólida, plana, estável e que não contenha alças” (MAJEM, 2010, p. 5). É importante observar essas orientações, para que a cesta não se desloque bruscamente e o bebê fique confortável para fazer



a exploração. Ao fazer a escolha dos materiais⁴, o professor também deve estar atento ao meio físico e social em que a creche está inserida, valorizando a cultura regional, acrescentando ao cesto “objetos compatíveis com seus usos e práticas, incluindo preferências étnico-raciais das crianças” (BRASIL, 2012, p. 23).

Além de observar os materiais que devem aguçar o uso dos sentidos, também é de extrema importância observar as quantidades, que devem ser suficientes para uma exploração satisfatória, garantindo uma variedade considerável de objetos: “A cesta deve conter um mínimo de sessenta objetos” (MAJEM, 2010, p. 6). Para cada três bebês, um cesto deve ser disponibilizado. Dessa forma, os meninos e as meninas se manterão por um bom tempo concentrados, durante os momentos de exploração, como será esclarecido a seguir.

PERCURSO METODOLÓGICO

A pesquisa foi realizada com bebês da faixa etária zero, que possuem idades entre cinco meses a um ano de idade. O local para geração de dados foi uma Escola de Educação Infantil (EMEI), a mesma está localizada na zona urbana do município de Novo Hamburgo, no bairro Boa Saúde.

O objetivo foi observar as diferentes ações dos bebês em contato com esta atividade exploratória, verificando suas possibilidades de exploração e descoberta e de que forma a proposta contribui para o desenvolvimento global dos pequenos. Tendo claro este objetivo vamos contar um pouco de como desenvolvemos a pesquisa.

Antes de iniciar o trabalho conversamos com as famílias e pedimos autorização para uso de imagem dos pequenos, todas consentiram

⁴ Objetos feitos com cascas de árvores, sementes de frutos, ossos, dentes e chifres de animais, escamas de peixes, cocares com plumas, colares, bolsas e cintos de couro, madeira ou palha dourada, conchas, objetos musicais, pedras cipós, tapetes e enfeites de materiais naturais, pratos, canecas e panelas pequenas de barro, cestos pequenos de vime, com padrões típicos de cada região, representam a variedade de objetos do cotidiano de várias comunidades brasileiras. (BRASIL, 2012, p. 23)



demonstrando interesse na participação dos filhos.

A Proposta do Cesto dos Tesouros ocorria sempre na sala referência, em periodicidade semanal contemplando os bebês em pequenos grupos. Para que todos vivenciassem, dividimos a turma da seguinte maneira: três bebês na segunda feira pela manhã, quatro bebês na quarta-feira pela manhã e quatro bebês na quarta-feira à tarde. O grupo de bebês era sempre o mesmo.

Quando próximo do horário da proposta, uma das professoras iniciava a preparação da sala de referência. Sempre no mesmo espaço circunscrito, sem nenhum estímulo visual – tudo era retirado, com o pano branco das atividades estendido no chão e o Cesto sobre ele. Elegemos um pano branco para sobre ele realizar todas nossas propostas pedagógicas, visto que muitas leituras nos apontam que se sempre usado remete às crianças, mesmo tão pequenas, que aquele é o momento e espaço para tal acontecimento – no caso as atividades. E sim, a memória afetiva e visual dos nossos bebês estabeleceu esta ligação de forma espontânea e prazerosa, pois quando eles veem a movimentação de alguma das professoras com o pano, os olhos brilham, braços e pernas ficam eufóricos para lá chegarem. E assim é com o Cesto dos Tesouros.

De acordo com o dia da semana então, o grupo de bebês é convidado a participar da proposta – sempre comunicamos os bebês sobre as ações que eles estarão envolvidos – sendo levados até o espaço por uma de suas professoras e dispostos sentados, porém na posição mais confortável para cada um (lado/frente) iniciar suas experiências no Cesto.

Uma das professoras da turma dedica-se totalmente para aquele momento, desde sua preparação até sua finalização. Com uma postura observadora participante, que caracteriza esta pesquisa como qualitativa, através do método de observação. Conforme Ludke e André (1986, p.26), “a observação possibilita um contato pessoal e estreito do pesquisador com o fenômeno pesquisado”, esta situação aproxima o pesquisador do seu objeto de pesquisa.

Foram realizados registros fotográficos (fotos e vídeos) da atuação dos bebês, observando a postura, os movimentos, olhares, modos de explorar – todas



as ações possíveis dos bebês ali presentes, sem interferir em suas construções, permanecíamos sentadas próximas aos pequenos. “Talvez umas das coisas que o adulto possa achar difícil, em um primeiro momento, e não intervir, e sim permanecer calmo e atento” (GOLDSCHMIED E JACKSON, 2006, P.118), nossa postura era de apoiar com o olhar encorajando os pequenos nas suas investidas e possíveis descobertas. Nossas vivências do Cesto duraram em torno de 30 a 40 minutos, e para cada bebê acabava de uma forma, cansaço postural, perda de interesse pelo material naquele momento, desconforto por motivos de saúde. Com o último bebê que permanecia no Cesto, fazíamos uma fala para leva-lo até os demais, um convite também para ir brincar com os amigos que outro dia o Cesto voltaria.

Enquanto o grupo participava do Cesto dos Tesouros, o restante da turma está com a outra professora e a estagiária, também na sala referência, porém envolvidos com outro material/brinquedo.

O registro escrito é baseado nas fotos e vídeos do dia, optamos por fazer em nosso planejamento, pois se nos movimentássemos para pegar caneta e papel, poderíamos comprometer o momento de pesquisa dos bebês.

Citamos em um cabeçalho a data, o turno, o grupo de crianças participantes, os itens contidos no Cesto, o tempo de duração e a professora responsável. Logo abaixo em uma tabela descritiva, é identificada a criança e suas ações naquele dia.

ANÁLISE DAS AÇÕES POTENCIALIZADAS DURANTE A EXPLORAÇÃO

No decorrer das observações, compilando juntamente os vídeos e as fotos tirados foi possível nos certificarmos do quão esta proposta contempla os interesses dos bebês. Os materiais não estruturados ou de largo alcance potencializam as ações dos pequenos e se adaptam a etapa evolutiva dos mesmos. Foram momentos primorosos de intensa investigação e mágico ver como a forma de exploração foi

evoluindo e como em cada sessão faziam uma interpretação diferente dos materiais. Ao observar as ações das crianças percebemos que muitas delas se repetem inúmeras vezes, sendo assim as dividimos em categorias com o objetivo de proporcionar ao leitor uma visão mais específica das possibilidades criada pelos bebês.

Primeiramente olhar, sentir, provar e cheirar umas das primeiras ações realizadas pelos bebês, olhar para ver o que quero explorar, para posteriormente dar seguimento as demais ações investigativas envolvendo todos os demais sentidos. A autora Majem evidencia que ao brincar, a criança olha, toca, leva à boca, agita, aperta, leva ao ouvido, observa, esfrega no rosto e na cabeça, vira pelo avesso, amontoa, coloca dentro de algo e retira daí, coloca de ponta cabeça, cheira, experimenta, tateia espaços e volumes, atira longe esses objetos... Constantemente busca diversas sensações e, quanto está entusiasmada brincando, todo seu corpo participa da brincadeira. Seu tronco move-se, pernas e braços movimentam-se, grita, ri e emite sons pré-verbais. (MAJEM, 2010, p.24).



Ações realizadas: Olhar, sentir, provar e cheirar.

Outra ação que consideramos muito importante é o exercício do poder de escolha enquanto estão diante do cesto recheado de objetos. Exercer o poder de escolha nos dias atuais é de extrema importância para adquirir em longo prazo o senso de discernimento e consolidar suas preferências diante de muitas possibilidades disponíveis. Goldschmied e Jackson (2006, p. 117) atentam para a “habilidade para escolher de modo inteligente, em relação tanto a coisas simples, como alimentos ou roupas, quanto a coisas complexas, como amigos e

empregos”.

Essa habilidade deve ser desenvolvida desde muito cedo, para que se construa a noção de escolha e se estabeleça tranquilidade e segurança ao longo do tempo frente às situações em que são exigidos posicionamentos individuais de decisões.



Ação: Exercer o poder de escolha

A ação seguinte refere-se à capacidade de interação dos bebês enquanto exploram os objetos, mesmo tratando-se de crianças tão pequenas. Os momentos de exploração acabam por suscitar interações diversas. Apesar de a brincadeira ser individual, “a manipulação dos objetos, as expressões das crianças e as satisfações pessoais” (MAJEM, 2010, p. 25) fazem com que elas percebam o colega. No caso, as crianças “não somente estão cientes da presença do outro, como também estão envolvidos em trocas interativas na maior parte do tempo” (GOLDSCHMIED; JACKSON, 2006, p. 2010).



Ação: Interação entre os bebês



Por último elencamos o barulhar como mais uma categoria de análise. Este termo teve seus pressupostos estudados por Lino (2008) e é caracterizado como a música da infância, produzida pela criança de forma livre e espontânea com diversificados objetos para produção de som.

Esta ação tão importante esteve presente na maioria dos processos investigativos dos bebês, barulhavam chocando os objetos um contra os outros ou produzindo sons com a boca dentro dos mesmos. Com o tempo se os pequenos possuem que a oportunidade de manusear objetos sonoros é possível evidenciar que os sons vão se refinando e qualificando, contribuindo para construção do conhecimento musical “o que define o objeto sonoro e a organização integrada dos objetos sonoros construídos pelo homem com a música” (LINO, 2012, p.197).



Ação: Barulhar

Estas ações teorizadas foram algumas que pudemos ter o prazer de destacar, muitas outras foram evidenciadas, pois a abordagem suscita a possibilidade de fazer descobertas de diferentes formas.

Ao observar aproximadamente um bebê com os objetos contidos no Cesto dos Tesouros podemos perceber quantas coisas diferentes ele faz com eles olhando, tocando, apanhando-os, colocando-os na boca, lambendo-os, balançando-os, batendo com eles no chão, juntando-os, deixando-os cair, selecionando e descartando o que atrai ou não. Ele utiliza ainda um objeto em suas mãos e boca como uma maneira de se comunicar de forma risonha com o adulto próximo a ela, ou com outra criança sentada próxima ao cesto. (GOLDSCHMIED; JACKSON, 2006, p. 115)



Muitas foram as pesquisas realizadas que contribuíram para que tivessem contato com as propriedades físicas dos objetos, através das diversificadas maneiras de manusear os objetos. Quando o bebê os suga, coloca-os na boca, são momentos intensos de exploração, nos quais estão sendo feitas descobertas “a respeito de peso, tamanho, formatos, texturas, sons e cheiros” (GOLDSCHMIED; JACKSON, 2006, p. 115). A pergunta que podemos imaginar que os pequenos estejam fazendo é: “O que é isso?” Amplia-se um leque de possibilidades para que eles passem a compreender o mundo onde vivem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao final dessa pesquisa podemos constatar o quanto a abordagem do Cesto dos Tesouros vem de encontro aos interesses dos bebês e também ao que almejamos proporcionar aos nossos bebês, contemplando a sua curiosidade e desejo de pesquisa intrínseco nos pequenos desde o nascimento. Foram momentos ricos de exploração eles são potentes pesquisadores, mesmo sabendo dessa condição nos surpreendíamos a cada sessão.

Os bebês possuem necessidade de repetição, sendo assim cada vez que lhe apresentamos um material interpretam de uma forma diversificada este é um dado importante para pensarmos no repertório de propostas que podem sim se repetir para contemplar esta especificidade da faixa etária. Foi possível comprovar este fato durante as observações, pois a proposta se repetia durante a semana. Cada vez que estão em contato com os objetos fazem uma interpretação diferente com relação ao mesmo.

Os objetos selecionados cuidadosamente para composição do cesto nos fazem refletir sobre a relevância de escolher materiais de qualidade para oportunizar momentos exploratórios ricos e diversificadas formas de descobertas. Contemplando a afirmação de Majem: “temos que nos perguntar como podemos proporcionar às crianças uma melhor ‘dieta mental’, equilibrada e estimulante” (MAJEM, 2010, p. 6).



A organização do um espaço em conjunto com os materiais ofertados, é mais um componente somatório para qualificar estes momentos de brincadeira livre. O espaço preparado com intencionalidade é promotor de possibilidades para uma brincadeira potente.

O tempo de exploração lúdica deve ser respeitado, pois os pequenos precisam pesquisar, explorar e se apropriar dos objetos ofertados.

O tempo de concentração dos meninos e das meninas ao explorar o cesto dos tesouros é significativo, dadas às condições adequadas, não devendo ser fator de preocupação por parte do educador. Conforme as criadoras do jogo:

Ao observar aproximadamente um bebê com os objetos contidos no Cesto dos Tesouros podemos perceber quantas coisas diferentes ele faz com eles olhando, tocando, apanhando-os, colocando-os na boca, lambendo-os, balançando-os, batendo com eles no chão, juntando-os, deixando-os cair, selecionando e descartando o que atrai ou não. Ele utiliza ainda um objeto em suas mãos e boca como uma maneira de se comunicar de forma risonha com o adulto próximo a ela, ou com outra criança sentada próxima ao cesto. (GOLDSCHMIED; JACKSON, 2006, p. 115)

Dispensar atenção para esses fatores garantem a brincadeira livre qualificada com momentos ricos e criativos de descoberta e aprendizagem.

Outro fator que deve ser considerado para comprovar a potência da abordagem do Cesto dos Tesouros e a postura observadora do professor. Este deve adquirir a postura de “permanecer ao lado e não interferir, exceto quando solicitado” (BRASIL, 2012, p.22). A postura intervencionista impede que a criança atue de forma autônoma. O professor, então, deve ater-se a fazer observações e registros. Além de encorajar os pequenos com o olhar. Com certeza se tivéssemos feito mediações no decorrer das explorações os pequenos não teriam se aventurado em realizar suas descobertas.

Concluindo os materiais não estruturados, o espaço desafiador, o respeito ao tempo dos pequenos e a postura encorajadora e não intervencionista do professor são o fio condutor para promover uma brincadeira livre de qualidade.



XV Fórum Municipal de Educação: interlocuções da pesquisa na Educação Básica
Secretaria de Educação de Novo Hamburgo – 24 de outubro de 2017

Que cada vez mais os pequenos tenham suas potencialidades contempladas, pois como nos coloca o autor Aldo Fortunati: As experiências são as chaves para descobrir o mundo!

REFERENCIAL BIBLIOGRÁFICO

BRASIL. MEC/SEB. **Brinquedos, brincadeiras e materiais Para bebês: manual de orientação pedagógica – módulo 2.** Brasília: MEC, 2012.

FALK, Judit. **Educar os três primeiros anos a experiência de Lóczy.** Araraquara: Junqueira & Marin, 2011.

JACKSON, Sônia; GOLDSCHMIED, Elinor. **Educação de 0 a 3 anos: O atendimento em creche.** Porto Alegre: Artmed, 2006.

KÁLLÓ, Éva; BALOG, Gyorgyi. **As origens do jogo livre.** Budapeste: Associação Pikler-Lóczy de Hungria. Traduzido por Taís Cesca. Sem ano.

LINO, Dulcimarta Lemos, Música é cantar, dançar, brincar! E cantar também! In: CUNHA, Suzana Vieira Rangel da (org.). **As artes no universo infantil.** Porto Alegre: Mediação, 2012.

_____. Barulhar: a escuta sensível da música nas culturas da infância. Porto Alegre, 2008. 392 f. Tese (Doutorado em Educação) – UFRGS, Porto Alegre.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli. **Pesquisa em educação: Abordagens Qualitativas.** São Paulo: EPU, 1986.

MAJEM, Tere; ÒDENA, Pepa. **Descobrir brincando.** São Paulo: Autores Associados, 2010.



XV Fórum Municipal de Educação: interlocuções da pesquisa na Educação Básica
Secretaria de Educação de Novo Hamburgo – 24 de outubro de 2017

_____. Secretaria de Educação básica. **Diretrizes curriculares para educação infantil**/ Secretaria de Educação Básica. Brasília: MEC, 2010.